

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO NO AMBIENTE HOSPITALAR: A REALIDADE DA UPA PEDIÁTRICA DE ANÁPOLIS

Maria Laura de Jesus Barbosa¹
Maria Clemência Pinheiro de Lima Ferreira²

Resumo

A Pedagogia Hospitalar surgiu para dar assistência educacional as crianças e aos adolescentes hospitalizados de forma que continuem tendo acesso à educação. O pedagogo, pode atuar de forma significativa na vida dessa criança, e não só em sua aprendizagem. O objetivo geral da presente pesquisa foi analisar o trabalho das profissionais da educação no atendimento às crianças na realidade da UPA - Unidade de Pronto Atendimento Pediátrica de Anápolis - e os objetivos específicos visaram: explicar sobre o trabalho de um pedagogo no ambiente hospitalar conforme a literatura, identificar a diferença da atuação de um pedagogo para um psicopedagogo no ambiente hospitalar e descrever como atuam os profissionais da educação da UPA Pediátrica de Anápolis. A metodologia utilizada foi inicialmente a pesquisa bibliográfica através de artigos e leituras sobre o Pedagogo e o Psicopedagogo no ambiente hospitalar e na sequência, uma entrevista com duas educadoras da UPA. O acompanhamento da criança hospitalizada pelo pedagogo não é uma conquista tão recente, mas sua prática sim; inclusive o campo desta pesquisa se dá em um contexto de implantação da pedagogia hospitalar em Anápolis, onde foi possível observar aproximações do que a literatura nos apresenta a respeito do assunto e a atuação das educadoras na UPA, com destaque de que a especialização em psicopedagogia seja um diferencial para esta função.

Palavras-chave: Unidade de Pronto Atendimento. Pedagogo. Psicopedagogo.

INTRODUÇÃO

O pedagogo pode atuar em áreas que às vezes são desconhecidas, sendo uma delas, a Pedagogia Hospitalar, ou seja, a atuação do pedagogo no ambiente voltado para a saúde. Esta pesquisa dá oportunidade de aprofundar no assunto, sendo que a abordagem será voltada para a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, considerando a Unidade de Pronto Atendimento Pediátrica de Anápolis.

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA;

² Mestre em Educação. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

Segundo Santos e Souza (2009), a Pedagogia Hospitalar, denominada de classe hospitalar, surgiu em Paris no ano de 1935, sob comando de Henri Sellier para prover educação escolar as crianças especiais em ambiente específico.

Cavalcante, Guimarães e Almeida (2015), afirmam:

Essa realidade chegou no Brasil em 1950, no estado do Rio de Janeiro, onde começaram a ser realizadas as primeiras práticas pedagógicas brasileiras em Pedagogia Hospitalar. O primeiro hospital a receber tal atendimento foi um hospital público infantil, o Hospital Municipal Jesus, em 14 de agosto de 1950, que teve como primeira professora Lecy Rittmeyer [...]. Pode-se reconhecer essa data como um marco para a história da Pedagogia Hospitalar no Brasil (CAVALCANTE, GUIMARÃES, ALMEIDA, 2015, p. 3)

A Pedagogia Hospitalar surgiu para dar assistência educacional as crianças e aos adolescentes hospitalizados, de forma que continuem tendo acesso à educação, que é um direito básico atribuído até os 17 anos, considerando o equilíbrio entre os fatores biológico, cognitivo, social e emocional. Por isso, essas atividades pedagógicas auxiliam no processo de aprendizagem, e conseqüentemente, no enfretamento da doença, ou seja, estas atividades educacionais de aprendizagem oferecem novas perspectivas a esse paciente (SANTOS; SOUZA, 2009).

Para muitas crianças e adolescentes, a hospitalização se torna algo traumático. A internação, seja ela longa ou curta, traz consigo a mudança completa de uma rotina, e o cotidiano é alterado. A internação é um fator que pode causar desconfortos e colocar a criança em uma situação de vulnerabilidade. A presença do pedagogo respeitando a enfermidade e desenvolvendo atividades possíveis pode ser fator encorajador para que a criança continue lutando para ficar bem.

A presente pesquisa poderá incentivar os pedagogos a atuarem na área hospitalar, uma vez que não é comum encontramos profissionais da educação dentro dos hospitais, por vezes até pela falta de conhecimento no assunto.

O objetivo geral da presente pesquisa foi analisar o trabalho das profissionais da educação no atendimento às crianças na realidade da UPA Pediátrica de Anápolis, sendo que os objetivos específicos foram: explicar sobre o trabalho de um pedagogo no ambiente hospitalar conforme a literatura, identificar a diferença no trabalho de um pedagogo com um psicopedagogo no ambiente hospitalar e descrever como atuam as pedagogas da UPA Pediátrica de Anápolis.

A metodologia utilizada foi inicialmente a pesquisa bibliográfica através de artigos e leituras sobre o Pedagogo e o Psicopedagogo no ambiente hospitalar, bem como, uma pesquisa de campo com coleta de dados por meio de um questionário com perguntas abertas, o qual foi respondido por duas pedagogas que atuam na UPA – Unidade de Pronto Atendimento em Anápolis, sendo que os resultados têm a intenção de oferecer subsídios teóricos e práticos para atuação do pedagogo no hospital.

No decorrer do texto, tanto a palavra pedagogo como psicopedagogo serão utilizadas sem uma distinção específica para se referir ao profissional da educação que pode atuar no ambiente hospitalar, a despeito de um dos subpontos tratar especificamente sobre tais termos.

1. O trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar conforme a literatura

O acompanhamento do pedagogo junto às crianças hospitalizadas não é uma conquista tão recente, mas ainda não é uma realidade comum nos hospitais brasileiros. Esta diz respeito não só ao tratamento de doenças, mas também das questões das relações humanas, visando um olhar sobre cada paciente a partir da contribuição de outras áreas de conhecimentos, além da medicina. Neste sentido, podemos destacar no início dos anos 2000, o lançamento do Projeto Piloto de Humanização Hospitalar pelo Ministério de Saúde (LIMA; NATEL, 2010).

De acordo com Manzano e Lima (2005), depois deste lançamento, o tema se tornou bastante difundido na área da saúde e por isso, em 2002, o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Humanização (PNH) que tem como foco a atenção e gestão no Sistema Único de Saúde (SUS), incorporando novas atuações profissionais ao campo da saúde, suas tecnologias e especializações. Na perspectiva da política de humanização, o acompanhamento pedagógico contribui significativamente para com as crianças hospitalizadas (LIMA; NATEL, 2010).

Segundo Noffs e Rachman (2007), em 2000, o então deputado Milton Flávio elaborou a lei nº 10.685 (BRASIL, 2000) que dispõe sobre o acompanhamento educacional da criança e do adolescente internados para tratamento de saúde. As autoras, Lima e Natel (2010) ainda afirmam, que a PNH possibilitou às classes hospitalares o respaldo legal para: [...] sua implementação e estruturação no ambiente

hospitalar e, com isso, a autorização necessária para possibilitar a continuidade do aprendizado e auxiliar na melhoria do quadro das crianças e adolescentes internados”. (LIMA; NATEL, 2010, p. 130).

Independentemente do tempo de internação, percebeu-se a necessidade da presença de um pedagogo no ambiente de um hospital e foi quando se estabeleceu então a implementação da Pedagogia Hospitalar. O profissional que atua nesse ambiente tem uma formação na área da educação e deve ter domínio para realizar atividades individuais de acordo com a necessidade de cada aluno-paciente. Sua presença ali não é meramente educacional, mas também representa uma segurança e pode ter repercussões psicológicas, contribuindo com as questões afetivas e sociais de cada aluno-paciente, incentivando e encorajando estes na intenção de promover uma melhora na qualidade de vida, apesar do ambiente hostil do hospital (SILVÉRIO, 2010).

Segundo Lima e Natel (2010), esse acompanhamento pedagógico não segue uma regra única, ainda não há uma diretriz clara, então cada instituição é livre para se adaptar da melhor forma possível. Ao planejar as atividades, o pedagogo deve ter em mente as necessidades individuais da criança, seus aspectos físicos, motores e intelectuais, trabalhando não só os conteúdos didáticos, mas incentivando seu desenvolvimento psíquico e cognitivo. Assim, é necessário pensar em dia, local, recursos disponíveis e todas as condições para motivar o paciente-aluno para que essa criança seja estimulada e sinta prazer nesse momento, tentando manter uma rotina de horários e atividades, pois a figura deste educador não pode ser mais uma incerteza na vida da criança (LIMA; NATEL, 2010).

Por ser um direito das crianças e adolescentes hospitalizados, segundo Noffs, Rachman (2007), as Secretarias Estaduais de Educação, vêm se esforçando e investindo na presença de pedagogos e psicopedagogos em ambientes hospitalares, porém, quase não há profissionais realmente preparados para exercerem essas funções.

Para Smerdel, Murgo (2018) e Pereira (2015) a formação deste pedagogo deve ajudá-lo a ter consciência de que não irá trabalhar sozinho, mas fará parte de uma equipe em prol do bem-estar da criança, com seus pais, médicos e comunidade hospitalar.

É necessário oportunizar momentos de conversas, reflexões e brincadeiras, promovendo a ação e colaboração do sujeito perante à sua situação. Diante disso, verifica-se a importância de atividades lúdicas, estimulando a criança a se sentir bem, a aceitar os procedimentos médicos para que assim receba alta e possa voltar à rotina normal; as atividades educacionais podem oferecer novas perspectivas a esses pacientes (SMERDEL; MURGO, 2010). Assim, um dos pontos importantes é o despertar para a vida social e a superação das situações que se encontram.

O trabalho pedagógico no contexto hospitalar deve ser readaptado buscando suprir as necessidades apresentadas paciente-aluno com um olhar individualizado, priorizando a humanização (MARQUES, 2009).

Neste sentido, podemos afirmar que é imprescindível uma boa formação profissional e domínio dos conteúdos por parte do educador que trabalhará nesse ambiente hospitalar para criar metodologias de acordo com a necessidade de seu aluno-paciente. Que sejam profissionais instigados, criadores, inquietos, curiosos, humildes e acima de tudo, humanos, tendo a consciência de como devem agir diante do estado de saúde instável do aluno-paciente, ajudando na autoestima, habilidades e na recuperação.

Uma possibilidade de atuação do profissional da educação no hospital, é a brinquedoteca. Segundo Silvério e Rúbio (2012, p.15): “A brinquedoteca hospitalar tem sido entendida como um novo pensar pedagógico, pois a criança aprende enquanto brinca, além de amenizar os traumas causados pela internação”.

Durante esse processo, o pedagogo deve ter em mente que terá que ser perspicaz, pois, estar na brinquedoteca significa ter momentos de lazer, distração e aprendizagem. Deve tentar problematizar aquilo que pode estar sendo significativo, mas, que até então, não representa nada para o paciente, como uma atividade simbólica sobre o atendimento clínico, quando, por meio da fantasia a criança pode externar seus medos. Dependendo da realidade e história de vida, o profissional da educação pode preparar situações lúdicas organizando-se anteriormente para criar o ambiente de soltura, prazer e ações significativas, respeitando o estado clínico e limitações impostas pela doença (MARQUES, 2009).

É importante ressaltar que a identidade de educador dentro do hospital não deve ser confundida como, por exemplo, colaborador e recreacionista, seu espaço deve ser marcado, sendo sua função de cunho educacional, visando o bem-estar do aluno-paciente. É muito importante que o profissional aproveite com qualidade o tempo já que, diante da situação que o paciente se encontra, não se sabe as possibilidades de encontro no dia seguinte, então, aquele momento deve ser totalmente em prol de desenvolver atividades que proporcionem prazer, confiança e aprendizagem focando a recuperação e o enfrentamento da doença. Na oportunidade, deve haver momentos de fala e escuta, propiciando confiança (MARQUES, 2009).

2. A atuação do psicopedagogo no hospital: para além da pedagogia hospitalar

Segundo Noffs e Rachman (2007), em 1939 foi criado o cargo de professor hospitalar pelo Ministério da Educação da França, e só em 1999 isso chegou ao Brasil, e vem expandindo-se aos poucos, ao longo dos anos nos hospitais brasileiros.

O trabalho do Pedagogo no hospital contemplava inicialmente a classe hospitalar, que segundo Smerdel e Murgu (2010), acontece em um espaço adequado para que, em caso de internação por muito tempo, a criança seja acompanhada e instruída seguindo as atividades escolares, mantendo certo vínculo e sendo encorajada a não desanimar. Caso ele não tenha condições de ir até a classe, as atividades devem ser realizadas em seu próprio leito e, segundo Noffs e Rachman (2010), estas devem ser iniciadas e terminadas no mesmo dia porque não se sabe como a criança estará depois, porém, de forma clara, objetiva, sem pressão porque a prioridade é respeitar o bem-estar do aluno-paciente. Assim, compreende-se hoje, que a oferta de ensino no ambiente hospitalar é diferente do ambiente escolar, seguindo até os mesmos conteúdos, mas, adaptando com ações lúdicas que vão de acordo com o estado físico do aluno-paciente, visando não só a aprendizagem, como também a afetividade com as pessoas à sua volta.

Assim, foi se fortalecendo a compreensão de que a criança hospitalizada se encontra em situação de fragilidade física e emocional, e a presença de um pedagogo pode ser significativa. Isso fez com que os pedagogos começassem a se interessar por

uma formação continuada para atuação neste ambiente. Surge então, um entendimento de que a Psicopedagogia seria um caminho neste sentido.

Pereira (2015, p.7) afirma que “a Psicopedagogia é uma área de estudo voltada para o atendimento de sujeitos que apresentam problemas no processo de aprendizagem”, em que se considera as atividades psíquicas das crianças, sendo comum que aí estejam envolvidas fragilidades emocionais, situação esta que corresponde também à criança hospitalizada.

Noffs e Rachman (2007) afirmam que o acompanhamento no hospital pode ser desempenhado por um psicopedagogo:

[...] na medida em que este tem a sensibilidade de perceber a realidade de “escutar” e “olhar”, possibilitando um “falar” psicopedagógico, aliados a um conhecimento específico de processos de ensino e aprendizagem [...] (NOFFS; RACHMAN, 2007, p.24).

Portanto, se o psicopedagogo lida com crianças com algum tipo de limitação, o cenário da criança que se encontra no hospital, é um campo de atuação deste profissional, o qual pode ser um diferencial no atendimento a este público por conta do estado emocional vulnerável.

Smerdel; Murgo (2010, p.14), alegam que “no ambiente hospitalar, a atuação do psicopedagogo é fundamental para que o paciente/aluno continue desenvolvendo competências e habilidades respeitando as particularidades de sua enfermidade”.

É necessário que o psicopedagogo converse com a mãe ou acompanhante e com o paciente, que observe suas atitudes e aos poucos consiga definir a melhor forma de elaborar suas intervenções. Segundo Pereira (2015) a psicopedagogia vem para contribuir com o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança no ambiente hospitalar e para isso deve ter um olhar amplo e considerar as condições de saúde, a escolaridade, a família e os profissionais que estão em contato diário com a criança, é uma ação coletiva.

A psicopedagogia no âmbito hospitalar visa promover não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas, também, gera uma interação com o meio e com o próximo o que se dá por meio de atividades psicopedagógicas, jogos psicopedagógicos e brincadeiras lúdicas (PEREIRA, 2015).

É de grande valia que o psicopedagogo inclua a família em algumas das atividades desenvolvidas, aliviando suas tensões e levando aprendizado e troca de experiências (SMERDEL, MURGO, 2018; PEREIRA, 2015).

Diante de tais considerações, é natural que um pedagogo atuante no ambiente hospitalar perceba com naturalidade a necessidade de formação específica e continuada, no sentido de compreender melhor o contexto dos alunos-pacientes. Diante do que foi exposto aqui, a Psicopedagogia é uma formação que pode ser uma possibilidade neste sentido.

A despeito da especialização deste profissional, é claro, que o trabalho no contexto hospitalar exige aproximação com os profissionais da saúde ali presentes, sendo que todos devem se comprometer com a qualidade de vida do aluno-paciente, por meio de uma atuação pautada em um trabalho proveniente de uma equipe multidisciplinar (SMERDEL, MURGO, 2018; PEREIRA, 2015).

A atuação dos profissionais da educação ainda tem muito a ser estudada na unidade de saúde, mas, já se percebe que uma formação específica é necessária para um melhor desenvolvimento do trabalho.

3. Os profissionais da educação na UPA Pediátrica de Anápolis: pedagogos ou psicopedagogos?

A partir desse trecho o artigo busca descrever e analisar a realidade de uma Unidade de Pronto Atendimento Pediátrico da cidade de Anápolis - UPA. Esta unidade foi inaugurada no dia 25 de julho de 2019, tendo a Fundação Universitária Evangélica – FUNEV, mantida pela Associação Educativa Evangélica, como órgão gestor. Sendo que, fica localizada na Av. Central, s/n - Maracanã, Anápolis - GO, 75053-490 e tem capacidade para até 7 mil atendimentos de crianças e adolescentes menores de 16 anos. A unidade conta com cinco consultórios médicos, farmácia, ludoteca, dois isolamentos, salas de nebulização, estabilização, medicação, coleta, curativo, raios - X, leitos de observação e setor de urgência com reanimação. A equipe multidisciplinar conta com médicos pediatras, clínicos e ortopedistas (apenas na área infantil); enfermeiros; técnicos de enfermagem, gesso e raios - X; assistente social, nutricionista, farmacêutico, biomédico, psicólogo e psicopedagogo.

Nessa unidade trabalham duas profissionais da educação, respectivamente atuantes na brinquedoteca e em outros atendimentos emergenciais. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário, com respostas a perguntas abertas. As duas profissionais aceitaram participar da pesquisa, sendo que seus dados pessoais serão omitidos, respeitando o código de ética em pesquisa e, portanto, os dados serão confidenciais. Os resultados têm a intenção de oferecer subsídios teóricos e práticos para atuação do profissional da educação no hospital.

Cumprindo o código de ética em pesquisa, cada sujeito participante será indicado por uma letra, Profissional A e Profissional B, sendo que a Profissional A é formada em Pedagogia, pós-Graduada em Psicopedagogia e Gestão Escolar, atualmente está cursando Neuropsicopedagogia e Análise do Comportamento Aplicada (ABA), trabalha na UPA há 18 meses, mas, já desempenhou seu papel de pedagoga em sala de aula e consultório psicopedagógico. Já a Profissional B é pedagoga, atualmente está cursando Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Inclusiva, trabalha na UPA há 19 meses.

Dentre as questões uma delas foi: Como você percebe a relevância de um pedagogo no ambiente hospitalar? A Profissional A entende que *“O acolhimento no ambiente hospitalar é fundamental para o andamento dos atendimentos, uma vez que as brincadeiras lúdicas proporcionam tranquilidade e tornam a espera mais suave; o acolhimento e as orientações dadas as famílias variam de caso a caso”*. Já a Profissional B entende que *“O pedagogo tem um olhar diferenciado para as crianças, acaba trazendo para o ambiente hospitalar uma forma de distração para aquele momento de sofrimento que a criança possa estar passando, e para a família também”*.

É possível perceber que as entrevistadas valorizam a presença do pedagogo, o que vem ao encontro do que a literatura nos apresenta a respeito do assunto. Segundo Silvério e Rubio (2012, p.14): *“Dentro do hospital, o pedagogo tem a função de orientar, estimular e motivar a pessoa enferma e hospitalizada a prosseguir com seu aprendizado, afinal ela continua em crescimento e desenvolvimento”*.

Franco e Selau (2011) confirmam:

A tarefa pedagógica no hospital pode, inclusive, ajudar na recuperação da criança-paciente. Com o acompanhamento profissional do pedagogo, a criança poderá ter uma atitude mais ativa diante da situação de enfermidade e hospitalização em que se encontra. (FRANCO E SELAU, 2011, p.178)

Portanto, é notório que as pedagogas desempenham papel significativo e afirmam sobretudo que ações de cunho pedagógico em um ambiente hospitalar são de grande valia e devem ser valorizadas.

Uma outra questão foi: Como se dá sua atuação no dia a dia da UPA? A profissional A explicou que: *“Os atendimentos variam de acordo com a necessidade de cada caso, buscando conhecimentos específicos sobre o comportamento das crianças, o desenvolvimento delas, síndromes e suas patologias, orientando as famílias em prol do bem-estar infantil, preservando o direito a saúde, educação e lazer”*. A profissional B acrescentou que: *“Trabalham com o projeto de leitura, jogos pedagógicos, atividades de colorir, projeto das datas comemorativas e caça palavras educativos, aproveitando a ludoteca com televisão e mesa para as crianças assistirem”*.

Sendo assim, percebe-se que, esses atendimentos devem ser individualizados, sendo sempre readaptados, buscando suprir as necessidades apresentadas pelo paciente, considerando e analisando seus aspectos emocionais e físicos, assim como vimos a posição de vários autores acima citados.

Na sequência foi perguntado se na prática, existe alguma diferença entre pedagogo e psicopedagogo na atuação dentro do hospital. A Profissional A respondeu: *“Sim existe, os conhecimentos pedagógicos, não são suficientes para atuação em ambiente hospitalar, faz-se necessário conhecimentos específicos das síndromes, documentos, termos, remédios e seus efeitos colaterais, e tantos outros conhecimentos científicos”*. A Profissional B respondeu que *“Acredito que a psicopedagogia ajuda sim a identificar os problemas de aprendizado das crianças, o hiperativo, TDAH e outras, porém como é uma unidade de emergência, não faz tanta diferença em ser uma pedagoga ou psicopedagoga, até porque na pedagogia também estudamos sobre os problemas na aprendizagem, e normalmente a criança não passa muito tempo na unidade”*.

Nesse questionamento, uma das profissionais deixou claro que ter formação em psicopedagogia colabora para uma atuação mais eficaz nesse âmbito, já a outra profissional mostrou que isso não é essencial. Oliveira (2001) explica que o psicopedagogo é um pedagogo ou um psicólogo com uma especialização em

psicopedagogia. Seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem, contribuindo com o esclarecimento das dificuldades apresentadas e observadas. O psicopedagogo clínico, que irá atuar em hospitais, atua em conjunto com outros profissionais. Ele, os médicos e a família devem andar juntos, é uma ação coletiva, formando uma equipe em prol daquele paciente, que agora também é um aluno, sobretudo quando se trata de classe hospitalar.

Pereira (2015) afirma que os profissionais da educação que atuam no hospital precisam de formação adequada e que sejam criadores, inquietos, curiosos, humildes e acima de tudo, humanos, para atuarem nesse âmbito, tendo a consciência de como devem agir diante do estado de saúde instável do aluno-paciente, ajudando na autoestima, habilidades e na recuperação.

Por conseguinte, nota-se que ter uma formação em psicopedagogia torna a atuação do pedagogo mais eficiente nesse ambiente, ajudando a ter um olhar mais amplo diante da situação do paciente e as melhores formas de intervir, atentando com sensibilidade específica ao sofrimento.

Ainda foi questionado às entrevistadas, se o profissional não tiver formação em psicopedagogia, na opinião delas os conhecimentos desta especialização não fariam falta na atuação no ambiente hospitalar. A profissional A afirma que sim, justificando que os conhecimentos psicopedagógicos são de suma importância no ambiente hospitalar. A profissional B também afirma que sim, mas não justificou sua resposta. Em seguida, foi perguntado se neste sentido elas consideram que a presença do psicopedagogo é mais significativa que a do pedagogo no ambiente hospitalar. A profissional A explicou que: *“No Brasil para atuar na pedagogia hospitalar o pré-requisito é especialização em psicopedagogia”*, a profissional B explicou que: *“Sim, é mais significativa por este profissional ter um olhar mais específico sobre o paciente”*.

Portanto, ambas afirmaram que é importante ter especialização em psicopedagogia e que isso faz diferença em no atendimento. Nesse mesmo sentido, Marchi e Silva (2017) afirmam que o pedagogo que opta por atuar dentro do ambiente hospitalar deve possuir especialização para obter as competências e saberes necessários para o seu trabalho, embora não afirme que deva ser a psicopedagogia.

Para finalizar, foi indagado como funciona o planejamento e execução das atividades das profissionais da educação na UPA. A profissional A explicou que: *“Os atendimentos se dão durante as visitas no leito que ocorrem de manhã e a tarde, e à medida que os pacientes dão entrada na unidade, é preciso que a criança tenha disposição e condições físicas e psicológicas para receber o atendimento, cabendo ao psicopedagogo, observar esses aspectos”*. A profissional B explicou que: *“Funciona com projetos e depende da idade, do estado da criança, trabalhamos leitura, contação de história, atividades sobre o momento atual, jogos pedagógicos, datas comemorativas, e sempre finalizadas no mesmo dia, até por ser uma unidade de emergência”*.

Quando a entrevistada se refere a projetos é porque busca temáticas de preferência relacionadas à saúde, as quais se materializam por meio de recursos visuais e algumas ações lúdicas na brinquedoteca por um determinado período de tempo, dois meses, por exemplo. Se acontecer de a criança voltar à UPA no tempo que aquele projeto está em vigor, a temática por si só é reforçada.

Lima e Natel (2010) comentam que o pedagogo deve preparar atividades que devem começar e terminar no mesmo dia, já que a saúde estará instável e, portanto, organizar estratégias para que essa criança seja estimulada e sinta prazer nesse momento.

As entrevistadas da UPA não realizam atendimento de Classe Hospitalar porque a unidade é apenas de pronto atendimento, e por isso, trabalham com projetos como foi citado acima, sendo que o atendimento é na brinquedoteca e no leito por um tempo reduzido. No entanto, não só realizam as atividades iniciando e terminando em um mesmo dia porque as crianças estão vulneráveis, mas até mesmo porque nesta unidade não acontece a internação propriamente dita. Quando muito, as crianças ficam apenas uma noite e, se necessário são transferidas para outra unidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento da criança hospitalizada pelo pedagogo é realidade, embora não seja comum encontrá-los na maioria dos hospitais brasileiros, mas, é uma conquista uma vez que amplia o alcance da obrigatoriedade da educação básica

gratuita as crianças e aos adolescentes na condição de internados, entendendo as implicações positivas sobre o estado psíquico na perspectiva da humanização.

Os autores que embasaram este estudo, abordam a necessidade da presença do pedagogo nos hospitais, não meramente para exercer assuntos educacionais, mas também, para ter um olhar humanizado junto aos aspectos físicos, motores e psíquicos.

A atuação desses profissionais deve acontecer de forma conjunta, com todos os profissionais da saúde que tenham contato com esse paciente e com os pais, formando uma equipe multidisciplinar, se comprometendo com a qualidade de vida desta criança ou adolescente internado, priorizando atendimentos individuais, respeitando as condições de sua enfermidade, trabalhando de maneira lúdica e dinâmica, visando a aprendizagem e fortalecendo a afetividade.

Ao analisar o questionário respondido pelas profissionais atuantes na Unidade de Pronto Atendimento Pediátrico da cidade de Anápolis- UPA, é possível perceber que as respostas vêm ao encontro do que a literatura nos apresenta a respeito do assunto, quanto a relevância de um pedagogo no ambiente hospitalar, a atuação no dia a dia e o planejamento das atividades. Além disso, ambas valorizam e enaltecem a presença do pedagogo nesse ambiente e expressam uma defesa de que a especialização em Psicopedagogia tem muito a contribuir com a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar. Uma delas chega a afirmar que é um pré-requisito no Brasil, mas, não encontramos nada na literatura neste sentido, embora esta especialização colabore para uma atuação mais eficaz, uma vez que ajuda no reconhecimento de diversas síndromes, além de habilitar o profissional a estar mais atento às fragilidades da criança.

Este trabalho não pretendeu responder a muitas das questões referentes a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, porém, acreditamos ter provocado reflexões para contribuir com o assunto, sendo que são necessárias muitas outras considerações para aprofundamento desta temática.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Priscila de Fátima Pereira; SELAU, Bento. A atuação do pedagogo no ambiente hospitalar: algumas reflexões. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 12, n. 18, p. 107-206, jul./dez. 2011. Disponível em:

http://revista.liberato.com.br/ojs_lib/index.php/revista/article/view/179/169. Acesso em 03 de abril de 2021.

LIMA, Michelle Cristina Carioca; NATEL, Maria Cristina. A psicopedagogia e o atendimento pedagógico hospitalar. **Revista Psicopedagogia**, vol.27 no.82 ISSN 0103-8486. São Paulo, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000100013. Acesso em: 25 de AGOS. 2020.

MARCHI, Carolina de Carvalho; SILVA, Gabriella dos Santos. Centro Universitário Católico Salesiano, Auxilium Curso de Pedagogia. Atuação Do Pedagogo No Ambiente Hospitalar. LINS – SP 2017. <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/61066.pdf>. Acesso em 04 de abril de 2021.

MARQUES, Elaine Heloisa. Trabalho Pedagógico no Contexto Hospitalar. **Anais. IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOEDUCACAO** 2009, PUCRP. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2213_1043.pdf. Acesso em 29 de outubro de 2020.

NOFFS, Neide de Aquino; RACHMAN, Vivian C. B. Psicopedagogia e saúde: reflexões sobre a atuação psicopedagógica no contexto hospitalar. **Revista Psicopedagogia**. vol.24 no.74. ISSN 0103-8486 São Paulo 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200007. Acesso em 08 de SETEM. 2020.

OLIVEIRA, Letícia. Psicopedagogia: Ambiente escolar é a área que mais emprega o profissional de Psicopedagogia, mas não é a única. **Super vestibular**, 2001. Disponível em: <https://vestibular.mundoeducacao.uol.com.br/guia-de-profissoes/psicopedagogo.htm>. Acesso em 07 de outubro de 2020.

PEREIRA, Wyliane de Lima. Psicopedagogia hospitalar: Um olhar humanizado a crianças hospitalizadas. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3015/1/WLP06042015.pdf>. Acesso em 15 de Out. 2020.

SILVÉRIO, Claudia Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara. Brinquedoteca Hospitalar: O Papel do Pedagogo no Desenvolvimento Clínico e Pedagógico de Crianças Hospitalizadas. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 3 – nº 1 – 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Claudia.pdf>. Acesso em 04 de nov de 2020.

SMERDEL, Karina Silva; MURGO, Camélia Santana. Um olhar psicopedagógico sobre o processo ensino-aprendizagem no contexto hospitalar. **Revista Psicopedagogia**. vol.35 no.108 ISSN 0103-8486 São Paulo set. / dez. 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000300008. Acesso em 25 de SETEM. 2020.